

ROSAMUNDA

O medo é uma almofada sob os pés do amor,
Com cores que são para ele tranquilas;
Vermelho suave e branco tingido de sangue, azul
De flores, verde que se une ao estio,
Doce púrpura prometido ao mar e um negro calcinado.
Todas as formas coloridas do medo, presságio e mudança,
Uma triste profecia seguida de incertos rumores,
Premonições, astrologias e perigosas
Inscrições, o que a memória nos recorda,
Tudo fica encoberto pelo manto do amor,
E, quando ele o sacode, tudo será derrubado,
Agitado e levado no rosto poeirento do ar.

ATALANTA IN CALYDON

(excerpt)

When the hounds of spring are on winter's traces,
The mother of months in meadow or plain
Fills the shadows and windy places
With lisp of leaves and ripple of rain;
And the brown bright nightingale amorous
Is half assuaged for Itylus,
For the Thracian ships and the foreign faces,
The tongueless vigil, and all the pain.

Come with bows bent and with emptying of quivers,
Maiden most perfect, lady of light,
With a noise of winds and many rivers,
With a clamour of waters, and with might;
Bind on thy sandals, O thou most fleet,
Over the splendour and speed of thy feet;
For the faint east quickens, the wan west shivers,
Round the feet of the day and the feet of the night.

Where shall we find her, how shall we sing to her,
Fold our hands round her knees, and cling?
O that man's heart were as fire and could spring to her,
Fire, or the strength of the streams that spring!
For the stars and the winds are unto her
As raiment, as songs of the harp-player;
For the risen stars and the fallen cling to her,
And the southwest-wind and the west-wind sing.

For winter's rains and ruins are over,
And all the season of snows and sins;
The days dividing lover and lover,

ATALANTA EM CÁLIDON

(excerto)

Quando os galgos da Primavera vão no encalço do Inverno,
A mãe das estações, no prado ou na planície,
Preenche as sombras e os lugares ventosos
Com o murmúrio das folhas e o rumorejar da chuva;
O amoroso rouxinol, castanho e deslumbrante,
Está quase liberto da lembrança de Ítis,
Dos navios trácios e dos rostos estranhos,
Da vigília muda e da imensa dor.

Vem, com o teu arco tenso e esvazia as aljavas,
Tu, a virgem mais perfeita, a senhora da luz,
Com o rumor dos ventos e dos muitos rios,
Com o clamor das águas e com o teu poder;
Prende as tuas sandálias, tu, a mais célere,
Sobre o esplendor e presteza dos teus pés,
Porque o pálido oriente desperta, o negro ocidente estremece
Rodeando os passos do dia e os passos da noite.

Onde encontrá-la, como cantar para ela,
Abraçar os seus joelhos e a ela unir-mo-nos?
Ah, se o coração do homem fosse fogo e até ela jorrasse?
Fogo ou força das torrentes que brotam!
Porque as estrelas e os ventos a envolvem
Como vestes, como canções do tocador de harpa;
Porque os astros, subindo e descendo, a ela se unem
E o vento sudoeste e o vento do oeste cantam.

Porque as chuvas do Inverno e os desastres acabaram,
E toda a estação das neves e do pecado,
Os dias que separam o amante da amada,

The light that loses, the night that wins;
 And time remembered is grief forgotten,
 And frosts are slain and flowers begotten,
 And in green underwood and cover
 Blossom by blossom the spring begins.

The full streams feed on flower of rushes,
 Ripe grasses trammel a travelling foot,
 The faint fresh flame of the young year flushes
 From leaf to flower and flower to fruit;
 And fruit and leaf are as gold and fire,
 And the oat is heard above the lyre,
 And the hooped heel of a satyr crushes
 The chestnut-husk at the chestnut-root.

And Pan by noon and Bacchus by night,
 Fleeter of foot than the fleet-foot kid,
 Follows with dancing and fills with delight
 The Mœnad and the Bassarid;
 And soft as lips that laugh and hide
 The laughing leaves of the trees divide,
 And screen from seeing and leave in sight
 The god pursuing, the maiden hid.

The ivy falls with the Bacchanal's hair
 Over her eyebrows hiding her eyes;
 The wild vine slipping down leaves bare
 Her bright breast shortening into sighs;
 The wild vine slips with the weight of its leaves,
 But the berried ivy catches and cleaves
 To the limbs that glitter, the feet that scare
 The wolf that follows, the fawn that flies

.....

A luz que se perde, a noite que avança.
O tempo recordado é uma dor esquecida,
E as geadas estão mortas e surgem as flores,
No verde da vegetação rasteira e oculta
Flor após flor principia a Primavera.

Os rios cheios alimentam-se com as flores dos juncos,
A erva espessa dificulta os passos do viajante,
A pálida, inicial chama do novo ano ruboriza-se
Da folha para a flor e da flor para o fruto,
E o fruto e a folha são como ouro e fogo,
E a flauta ouve-se mais alto do que a lira,
E com os seus cascos o sátiro vem esmagar
Junto à raiz do castanheiro a casca da castanha.

E Pã pelo meio-dia, como Baco pela noite,
Mais veloz que as patas ligeiras do cabrito
Acorre a dançar e assim encanta
Ménade e Bassaride;
E suaves como lábios que riem e se ocultam
Afastam-se rindo as folhas das árvores
E escondem e revelam
A perseguição do deus e a donzela oculta.

A hera cai com a sua cabeleira de bacante
Sobre a frente dela escondendo-lhe os olhos;
A vinha-virgem deslizando descobre
O seu seio resplandecente que suspira anelante;
A vinha-virgem desliza sob o peso das folhas,
Mas a hera coberta de bagas agarra-se e adere
Aos membros cintilantes, aos seus pés que assustam
O lobo que persegue, o fauno que corria.

.....